

---

## A Mulher Jornalista como Protagonista na Imprensa Negra<sup>1</sup>

Valmir Teixeira de ARAUJO<sup>2</sup>

Marina Parreira Barros BITAR<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Unicesumar, Maringá, PR

### RESUMO

Este artigo visa contribuir com a discussão sobre o protagonismo da mulher jornalista na imprensa negra online, a partir da ótica da luta feminista. Para tanto, realizamos um estudo de caráter exploratório, a partir de uma discussão teórica-conceitual sobre imprensa negra e feminismo negro, com o objetivo de localizar o papel da mulher negra nos sites jornalísticos, por meio de um mapeamento em veículos presentes no ciberespaço. Verifica-se que a presença de mulheres negras jornalistas e em cargos de chefia nas redações brasileiras colabora para a produção não só de um jornalismo plural, antirracista e contra-hegemônico, mas também de atuação feminista e de defesa das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa Negra, Feminismo Negro; Mulheres; Jornalismo.

### INTRODUÇÃO

A imprensa negra no Brasil é formada a partir dos veículos de comunicação voltados para a produção de conteúdos relacionados ao cotidiano dos povos negros e/ou narrativas em que este extrato da população aparece como protagonistas dos acontecimentos. E neste processo, as mulheres negras possuem um destaque importante tanto no noticiário, quanto na produção dos conteúdos da imprensa negra, que é o intuito da discussão deste trabalho.

A participação, em termos quantitativos, das mulheres do jornalismo como um todo já se apresenta como uma realidade na sociedade brasileira, bem como faz parte das especificidades do feminismo pensado por mulheres negras a história da centralidade da participação feminina nos movimentos e ações coletivas. No caso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), email: [valmir.ptu@gmail.com](mailto:valmir.ptu@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestra em Comunicação e Sociedade (UFT), Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Pedagogia da Unicesumar, email: [marinapbbitar@gmail.com](mailto:marinapbbitar@gmail.com)

---

específico da imprensa negra notou-se previamente uma forte presença das mulheres negras na produção dos conteúdos e também na chefia dos sites negros brasileiros.

Assim, propomo-nos inicialmente a discorrer sobre imprensa negra, feminismo negro e, de forma específica, sobre o protagonismo das mulheres jornalistas à frente de diversos sites negros da atualidade. Para tanto será apresentada uma importante discussão teórica conceitual sobre imprensa negra e feminismo negro, ancorada em autores como Moura (2014), Pinto (2010), Sodré (1998), hooks (2018) e Collins (2019).

Para além da importante discussão teórica, o trabalho também apresenta resultados de um estudo exploratório sobre a participação das mulheres negras nas estruturas dos principais sites do jornalismo negro. Como previsto por Gil (2010, p.152), o estudo exploratório pode ser conceituado no sentido de ser uma pesquisa voltada para a busca por informações gerais sobre o campo de estudo. Desse modo, buscou-se responder o questionamento sobre qual o papel da mulher enquanto jornalista na imprensa negra da atualidade, que, no caso brasileiro, se constitui majoritariamente por veículos de comunicação em formato digital (site).

Cabe ressaltar que a temática é de fundamental importância para a reflexão sobre a presença das perspectivas das mulheres negras na produção de conteúdo e na chefia das redações jornalísticas brasileiras. Se este artigo se dedica a trazer essa temática é porque as mulheres sempre foram relegadas pela estrutura patriarcal a cidadãs de segunda classe, circunscrita ao espaço privado, ao lar, ou quando no espaço público, de serviços e de trabalho, ocupando postos subalternos e fora das áreas de decisão e de poder. No entanto, a ideia de que, na história, as mulheres ocupam um papel de docilidade e submissão não se sustenta.

Dessa forma, a representatividade é importante, pois possibilita narrativas em que mulheres negras contem suas próprias histórias e de outras mulheres negras, suas experiências, suas demandas, o que vivem na pele em gênero e raça. Em outras palavras, colocam em prática a escrevivência, como conceituado por Conceição Evaristo (2007).

O trabalho será apresentado em três partes principais, sendo que a primeira uma discussão teórica-conceitual sobre imprensa negra, norteadas a partir de diálogos que abordam diversas questões relacionadas à questão negra no Brasil, como a escravidão, a ideologia da democracia racial e o racismo. Na segunda parte será apresentada um

---

debate sobre a importância do feminismo negro para a organização, emancipação e protagonismo das mulheres negras na produção de narrativas jornalísticas racializadas e de luta contra o patriarcado. Por fim, nas considerações finais serão utilizadas informações de um estudo exploratório sobre a presença da mulher negra nas redações dos sites negros e uma discussão sobre o papel da mulher negra para a imprensa negra contemporânea.

### **Imprensa Negra**

Os pensadores sobre a imprensa negra buscam em geral a contextualização histórica das lutas da negritude, bem como o histórico de atuação desses veículos de comunicação para discorrer sobre o caráter contributivo para com a visibilidade da perspectiva negra sobre os diversos assuntos. Desse modo, os jornais/revistas/sites negros acabam por contribuir com a inclusão de uma visão de mundo em que as questões raciais são pautas centrais e/ou em outros noticiários em que sujeito negro aparece como protagonista dos diversos acontecimentos e assuntos, contribuindo assim para com a narrativa negra sobre os mais variados assuntos, bem como a visibilidade da negritude e a pluralidade de ideias no debate público (ARAÚJO, 2021).

Importa ainda refletir que, para pensar a imprensa negra, se faz importante discorrer sobre a temática geral do negro no Brasil que, por sua vez, passa necessariamente pelo passado escravocrata, sustentado por séculos a partir de uma crença de inferioridade biológica dos seres humanos de pele escura. Esse processo, baseado no racismo, deixou sequelas que influenciam a organização da sociedade até os dias atuais. Exigindo, assim, discussões e ações reparatórias postergadas em razão de uma ideologia denominada ‘democracia racial’, utilizada como justificativa para a negação das distorções raciais na sociedade brasileira.

O sistema escravocrata brasileiro durou por tanto tempo que coexistiu com a imprensa negra. Apesar de ausente em grande parte dos estudos sobre a história da imprensa brasileira, os periódicos negros surgiram ainda no século XIX, poucos anos após a instalação do primeiro periódico brasileiro. O tempo entre a criação do primeiro jornal brasileiro e do pasquim negro, ambos na cidade do Rio de Janeiro, é de apenas 25

---

anos: *O Correio Braziliense* foi criado em 1808 e o pasquim negro *O Homem de Cor*, em 1833 (PINTO, 2010, p. 24).

Segundo Moura (2014, p. 210) os primeiros jornais negros tiveram uma incontestável importância para a negritude e para a sociedade brasileira em geral, por reivindicarem a incorporação do negro nos espaços [sobretudo de trabalho], contudo, o autor destaca que essas publicações não se dedicavam, necessariamente, às questões dos escravizados: “Esses jornais não se erguiam e colocavam nas suas colunas o problema dos negros escravos, reivindicando abolição e o fim trabalho servil”.

Com o fim da escravidão no Brasil em 1888 as movimentações da negritude se institucionalizam e são formados diversos clubes, associações e demais órgãos que vão ser denominados como movimento negro ao decorrer do século XX. Nesse período, a imprensa negra também passa por uma grande expansão, sendo criados jornais negros em diversas localidades. Conforme Moura (2014, p.248) é possível destacar que os jornais negros das primeiras décadas do século XX foram construídos a partir de diferentes formatos textuais (sonetos, crônicas, artigos e etc) e realizaram um papel primordial no protesto contra o preconceito racial. Essas publicações também são importantes para a documentação das narrativas negras.

Ao longo do século XX, sobretudo os jornais e revistas negras cumpriram um importante papel para a negritude brasileira e os diversos movimentos sociais. Para Sodré (2015, p.275) apesar dos altos e baixos “a imprensa negra jamais deixou de refletir os protestos e esperanças dos descendentes de africanos”. Nesse sentido, compreender a história dos jornais negros contribui com a dimensão sobre a importância da imprensa negra na realidade brasileira.

Com a maior difusão da internet os sites negros ganharam um protagonismo entre em veículos de comunicação negros e assim surgiram uma infinidade de canais. Por meio de um estudo exploratório apresentado inicialmente em ARAÚJO (2021, p.90) foram mapeados os sites da imprensa negra contemporânea, a partir de pesquisas nas páginas institucionais de órgãos governamentais ligados à temática racial e dos movimentos sociais, que, por sua vez, postam os conteúdos produzidos pelos canais negros. Foi possível identificar uma diversidade de sites negros que certificam a presença da imprensa negra no contexto atual da realidade brasileira na internet.

---

Ao pensar na discussão negra, é possível visualizar a importância das páginas específicas sobre questões negras, como o empoderamento, a violência, o racismo, em que o próprio negro, não sendo necessariamente um jornalista, tem a oportunidade de contribuir com a discussão. Resguardando o exagero otimista, uma vez que a internet também possibilitou o fortalecimento de grupos racistas, é possível avaliar uma mudança, ao menos em termos de caminho de discussão racial com o ambiente digital, em que ao menor o indivíduo negro participa, o que nem sempre ocorria antes.

Toda esta contextualização contribui para uma discussão sobre o conceito de imprensa negra. Podemos pensar os jornais (ou sites) negros, em um alinhamento com a negritude, como instrumentos de combate ao racismo e à ideologia da democracia racial, mas também como veículos de comunicação atendendo a preceitos do jornalismo e contribuindo com o fomento a opinião pública, mas a partir da perspectiva negra, apenas sobre os temas raciais, mas sobre a totalidade de assuntos. Reiterando Araujo (2021, p.213), o papel da imprensa negra brasileira extrapola ao que está explícito em suas publicações, como o destaque do negro, a denúncia ao racismo e a divulgação de ações realizadas ou voltadas para a população negra: Assim, é possível considerar a importância dos jornais negros a memória sobre a negritude, a partir de um olhar mais crítico sobre a temática racial e mais próximo ao dos povos que vivenciaram a escravidão e de seus descendentes negros.

Assim, essa compreensão sobre a memória protagonista negra se justifica na necessidade de rediscutir o passado brasileiro, destacando devidamente o papel e o engajamento dos povos negros na construção do que conhecemos de país e assim contribuir também com uma melhor perspectiva de futuro. Dentro deste debate, uma pauta que é fundamental é a relacionada ao papel das mulheres negras, com demandas e discussões específicas que nos leva a discorrer também sobre o feminismo negro, para investigar o protagonismo das mulheres negras na imprensa.

### **Protagonismo Feminino na Imprensa Negra**

Em seus estudos, Collins (2019) problematiza o racismo institucional e o sexismo presente na experiência de mulheres afro-americanas, além de propor o pensamento feminista negro como teoria social e prática política. Para a autora há

---

"conexões cada vez mais visíveis entre o feminismo brasileiro e o pensamento feminista negro dos Estados Unidos que ilustram os possíveis benefícios de um feminismo negro transnacional" (COLLINS, 2019, p. 13). Feministas brasileiras como Lélia Gonzalez escreve ensaios propondo um feminismo afro-latino-americano há mais de três décadas, colocando em pauta o ser mulher e o ser negra no Brasil.

Davis (2018, p. 99) afirma que "o feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que o gênero". Assim, é preciso considerar as realidades específicas das mulheres racializadas, como defende Vergés (2020) a partir da definição do feminismo decolonial. As mulheres sofrem opressões interseccionais (raça, classe e gênero), mas também baseadas nos locais em que vivem (nação) e na orientação sexual (sexualidade), como destaca Collins (2019). A autora ressalta que as categorias interseccionais conectam o conhecimento e o empoderamento.

No Brasil, a luta por espaço simbólico da mulher negra [...] ganha proeminência com a fundação da Frente Negra Brasileira (1931-1937) e o seu jornal informativo A Voz da Raça. Embora existissem muitas associações anteriores a este período, havia um predomínio bastante acentuado de homens nos materiais publicados (CASA DEI, 2011, p. 7).

No período ditatorial, o jornal alternativo e feminista Nós Mulheres (1976-1978), publicado pela Associação de Mulheres, em São Paulo, debatia sobre trabalho feminino, com um "tom de intimidade entre as mulheres", bem como apresentava "questões que atingiam particularmente as mulheres negras", "problematizando questões de gênero e raça nos ambientes de trabalho" (LIMA, 2021, p. 45-46). Dessa forma, compreender a atuação e os lugares ocupados por mulheres negras no jornalismo negro brasileiro é primordial para que os veículos reflitam sobre representatividade feminina e garantam que mulheres tenham equidade em relação aos homens dentro das redações.

Segundo o relatório Perfil do Jornalista Brasileiro, realizado nos anos de 2012 e 2021, a presença de pessoas negras entre os jornalistas no Brasil cresceu de 23% em 2012 para 30% em 2021. Segundo o relatório, esse aumento na representatividade pode ser reflexo das políticas de ação afirmativa para a popularização do acesso ao ensino superior, bem como pelas lutas antirracistas e demanda por mais representatividade. No entanto, os jornalistas brasileiros ainda são predominantemente brancos (67,8%), e,

---

apesar do percentual ter aumentado em relação ao estudo de 2012, a diferença para as demais raças/etnias é bastante significativa: 20,6% dos jornalistas participantes se consideram pardos/as, 9,3% pretos/as, e 1,3% amarelos/as, enquanto os indígenas representam apenas 0,4% (LIMA *ET AL.*, 2022).

Pode-se observar que a pesquisa não considerou questões específicas em relação à classe, raça, gênero e orientação sexual, que perpassam as experiências dos jornalistas no trabalho, principalmente identificando quantitativamente a participação de mulheres negras em relação às demais. Como em 2012, a pesquisa descobriu que os jornalistas no Brasil são majoritariamente mulheres (58%), brancas (68%), solteiras (53%). Desse modo, seria necessário um estudo mais específico para identificar a porcentagem de mulheres negras e se houve aumento em questão de representatividade nas redações brasileiras entre 2012 e 2022.

De acordo com Lima *et al.* (2022, p. 22), uma das características da "precarização crescente do mercado jornalístico brasileiro é a feminização. Elas são maioria nas redações, porém ocupam menos cargos de gestão, saem mais cedo da profissão e ganham menos". E é por isso, como reforça hooks (2018), que é essencial que as mulheres negras persistam na luta feminista, reconhecendo que a perspectiva de marginalidade lhes dá uma vantagem para confrontar o *status quo* ao criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista.

As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p.18).

---

A presença de mulheres negras no jornalismo brasileiro, portanto, é necessária para um ambiente informacional mais justo e com equidade. Em uma breve observação foi possível constatar a presença de mulheres negras em cargos de chefia em sites jornalísticos da imprensa negra brasileira. No site da Revista Raça, criada em 1996 com conteúdo relacionado à cultura afro, é possível identificar que Flavia Cirino é uma mulher negra que ocupa o cargo de editora-chefe de conteúdo da revista, enquanto a Rachel Quintiliano é a única mulher negra identificada como jornalista que faz parte do time de conteúdo, como informado na página. Já no ar desde 2001, o site Mundo Negro informa em sua página que é um dos principais sites com conteúdo exclusivo para negros. Sua fundadora e também diretora de conteúdo e parcerias é a jornalista e mulher negra, Silvia Nascimento. No entanto, não existe expediente com a equipe para que se possa identificar quantas mulheres negras jornalistas fazem parte deste veículo. Identificou-se, por meio das notícias publicadas no site, que a jornalista e mulher negra Isadora Santos produz notícias para o veículo em questão.

O site Notícia Preta, voltado à luta antirracista e criado em 2018, também foi fundado por uma mulher negra, a jornalista Thais Bernardes. Assim como no site Mundo Negro, apesar de não constar expediente nas informações do veículo, foi possível encontrar a jornalista Bárbara Souza, uma mulher negra, como atuante na produção de notícias do site. Por fim, criada em 2015 com o lema jornalismo preto e livre, a agência de jornalismo especializada na temática racial, Alma Preta, conta com três mulheres negras formadas em jornalismo: a editora Nadine Nascimento; a assistente de projetos e comercial, I'sis Almeida; a coordenadora de produção Audiovisual, Stela Diogo; a roteirista, Aline Oliveira; a sociais media, Bárbara Cavalcante e Mariane Barbosa; as repórteres, Dindara Paz e Caroline Nunes; e jornalista de Dados, Camila Rodrigues. Foram 9 mulheres jornalistas identificadas em uma equipe de 31 pessoas de diversas áreas. O fato da imprensa negra contar em suas equipes, seja em cargos de chefia, gestão ou como repórteres, com o olhar de mulheres negras impacta positivamente na forma como os conteúdos serão trabalhados e apresentados ao público, principalmente levando em conta uma abordagem de luta e reflexão contra o patriarcado e suas nuances na realidade feminina e racial.

Para Moraes (2022), jornalista e pesquisadora negra, é necessário que haja uma reflexão carregada de criticidade na construção das pautas jornalísticas a fim de evitar



---

as abordagens racistas, elitistas, machistas, homofóbicas. A autora defende que é urgente que o jornalismo contribua para contestar os preconceitos sociais e análises redutoras. É preciso deixar para trás o jornalismo que desumaniza, é preciso se posicionar, transformar, contrapor as narrativas hegemônicas e visibilizar pautas que reflitam as diversidades históricas e culturais dos seres humanos.

A autora traz em seu livro exemplos práticos de como o machismo e a misoginia operam quando linha editorial e matérias são definidas e escritas por homens, por exemplo, o mesmo pode se trazer para a questão racial, quando não escrita por quem a vive. São jornais que justificam a violência contra a mulher ao duvidar da vítima agredida, que questionam a aparência de mulheres, que expõe mulheres como se seus corpos fossem públicos, que estereotipam, que falam das e pelas mulheres.

Diferentes sujeitos compreendem o mundo de formas diferentes. Desse modo, a prática da escrevivência (Evaristo, 2007) possibilita que mulheres negras se utilizem de suas experiências individuais para produzir narrativas escritas, visuais, orais, que se relacionem à experiência coletiva das mulheres negras. Segundo Evaristo (2007), o termo foi cunhado por meio de um jogo de palavras entre escrever, viver, se ver: escrevivência. Fundamentando, assim, a autoria das mulheres negras. “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (EVARISTO, 2007, p. 21). É a partir de uma perspectiva feminina e afrodescendente que o jornalismo brasileiro poderá se tornar um espaço mais plural, antirracista e de combate ao machismo e à misoginia que mantem o patriarcado.

### **Considerações finais**

Em conformidade com o exposto, as mulheres negras têm ocupado um papel central na imprensa negra brasileira contemporânea, com um olhar feminista e de contribuição valiosa da perspectiva racial. O que vai ao encontro com os resultados preliminares do mapeamento sobre os principais sites da imprensa negra brasileira, que, em sua maioria, contam com mulheres negras jornalistas e editoras, o que acaba por reforçar a importância desses canais no enfrentamento ao racismo e também ao patriarcado.

---

Dos sites da imprensa negra pesquisados, a partir do levantamento de Araújo (2021, p.90), a maioria apresentou uma mulher negra como editora. É o caso do Correio Nagô, Revista Afirmativa, Alma Preta, Mundo Negro e a Revista Raça. Além disso, muitas das matérias desses sites foram assinadas por mulheres negras, respaldando a afirmação da importância feminina na criação de narrativas negras de jornalismo.

Em conformidade com Moura (2014), que destacou o papel a importância da imprensa negra ao criar narrativas a partir da perspectiva negra, pode-se considerar que os sites e revistas negros da atualidade além do ponto de vista racial também apresentam o feminismo negro como referência. É possível considerar que a imprensa negra brasileira ganhou uma nova perspectiva com a internet e também com o protagonismo das mulheres negras que apresentam uma concepção de mundo particular e importante para a garantia da pluralidade do debate público.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Valmir Teixeira. **O que é a Imprensa Negra?** Diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil. 1ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2021.
- CASADEI, Eliza Bacheaga. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Revista Alterjor**. Ano 02, v. 01, ed. 03. Jan-Jun - 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: Scripta, 2009, p. 17-31.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed.USP, 2007.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

---

LIMA, Vaníria. “Jornal Nós Mulheres” (1976-1978): mulheres negras e relações de trabalho na imprensa feminista. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 5, n. 1, p. 45-59, 2021.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord. Geral); MICK, Jacques; NICOLETTI, Janara; BARROS, Janaina Visibeli; HENRIQUES, Rafael Paes; MOLIANI, João Augusto; PATRÍCIO, Edgard; PEREIRA, Fábio Henrique; ZACARIOTTI, Marluce. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Rio Grande do Sul: Arquipélago Editorial, 2022.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. 2ª Ed. Anita: São Paulo, 2014.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SODRÉ, Muniz, **Sobre a imprensa negra**. Revista Lumina – FACOM/UFJF, v.1, n.1, p.23-32. 1998

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora. 2020.